



SABER LOCAL E AS CONEXÕES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Adriano Luiz Santana
Germano Guarim Neto 1

RESUMO : Para se manter a riqueza da diversidade biológica e cultural de uma comunidade se faz necessário o registro da história e dos costumes de forma que seja reforçada a sua importância na construção de mecanismos que garantam a conservação e a manutenção dos saberes locais e tradicionais. O objetivo do trabalho foi o desenvolvimento de uma pesquisa que revelasse o conhecimento sobre o saber local da comunidade ribeirinha de Pai André, no município de Várzea Grande, Mato Grosso, para evidenciar as conexões com a Educação Ambiental em comunidades ribeirinhas. Foram entrevistados 22 moradores categorizados e o método utilizado na pesquisa foi o qualitativo, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas por intermédio de formulário contendo perguntas abertas e fechadas. O estudo apontou que a manutenção do saber local e percepção ambiental da comunidade de Pai André acerca dos aspectos culturais, fauna, flora e ambientes de vivência, como o rio Cuiabá, a mata ciliar, os quintais e as demais áreas terrestres podem ser utilizados como subsídios para as práticas de Educação Ambiental visando a preservação da história da Comunidade bem como evitar impactos ambientais negativos ao meio ambiente.

Palavras Chaves: Saber local; Comunidade ribeirinha; Educação Ambiental.

ABSTRACT: To maintain the richness of biological and cultural diversity of a community it is necessary register the history and customs so that it reinforces their importance in the construction of mechanisms to ensure the conservation and maintenance of local and traditional knowledge. This study aimed to develop a survey to reveal the knowledge about the local knowledge of the riverside community of Pai André, in the municipality of Várzea Grande, Mato Grosso state, Brazil, to highlight the connections with the Environmental Education in the riverside communities. A total of 22 residents categorized were interviewed and the method used in the research was qualitative, with the application of semi-structured interviews through questionnaire containing open and closed questions. The study found that the maintenance of local knowledge and environmental awareness in the community of Pai André, about the cultural aspects, fauna, flora and living environments, as the Cuiabá River, riparian vegetation, the backyards and other land areas can be used as grants for environmental education practices aimed at preserving the history of the community and to avoid negative environmental impacts to the environment.

Key Words: Local knowledge; Riverside community; Environmental Education.



INTRODUÇÃO

Toda a evolução e conseqüentes transformações ocorridas, impactos ambientais, positivos e negativos, bem como as influências externas que uma comunidade sofre, estão refletidas em seu modo de viver, da mesma forma que a busca de alternativas para a melhoria da qualidade de vida devem contemplar a sua identidade cultural e os traços construídos ao longo dos tempos e com isso a investigação científica acerca do etnoconhecimento, quando contemplada a transmissão do conhecimento de geração para geração, consegue penetrar no universo da comunidade estudada e apreender a essência dos seus valores tradicionais que são revelados através da percepção ambiental adquirida no cotidiano.

Segundo Roué (2000), o estudo dos saberes do Outro sobre a Natureza é um exercício difícil, que explicita melhor a transformação das relações com a natureza na sociedade do observador, do que na sociedade observada.

Para Diegues (2000), as populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. A biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura como conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, frequentemente, enriquecê-la.

Uma grande porção de biodiversidade se encontra em lugares onde as pessoas têm morado há muitas gerações, utilizando os recursos de seu meio ambiente de uma maneira sustentável (PRIMACK e RODRIGUES, 2001).

Castro, (2000) salienta que nas últimas décadas desenvolveram-se bem mais as pesquisas sobre os chamados “povos tradicionais”, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza. Reconhecem-se esses saberes e as formas de manejo a eles pertinentes como fundamentais na preservação da biodiversidade. Tornou-se extremamente importante para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, pois eles



conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução cultural.

O autor ainda acrescenta que a capacidade do homem de transformar suas relações com a natureza, ao mesmo tempo em que transforma a própria natureza, esteve orientada por uma tendência de privatização de um bem, em princípio, patrimônio de todos. Um caminho de legitimação da propriedade privada do território assim como de aproveitamento de seus recursos.

A riqueza do conhecimento popular gerado ao longo dos tempos, e repassado oralmente através das gerações é muito grande, porém é preciso atentar ao fato de que muito do que será transmitido no futuro, está sendo fundamentado e testado de forma empírica atualmente (GUARIM NETO et al. 2008).

No Brasil os estudos em Ecologia Humana mais frequentemente têm sido relacionados com populações indígenas em especial às ocorrentes na Amazônia, que incluem ecologia cultural, etnoecologia, em menor escala, modelos de subsistência. Também se destaca estudos sobre caboclos, pescadores, pantaneiros, ribeirinhos, imigrantes e quilombolas (...) onde o ser humano desde há muito tempo tem sido parceiro e adversário de uma natureza, da qual faz parte, atuando desde os primórdios como agente modificador (GUARIM NETO e MACIEL, 2008).

Os ribeirinhos desenvolvem uma estreita relação com o ambiente e diversos aspectos do cotidiano em relação à conservação do solo, da água, da fauna e da flora se revelam em uma intensa interação que caracterizam as condições socioculturais de comunidades tradicionais (GUARIM, 2005).

Até pouco tempo atrás, eram as comunidades locais que usavam, desenvolviam e preservavam a diversidade biológica, que eram as guardiãs da riqueza biológica deste planeta. É o seu controle, o seu saber e os seus direitos que precisam ser fortalecidos se quisermos que a preservação da biodiversidade seja real e profunda. Esse fortalecimento tem de ser feito por meio da ação local, da ação nacional e da ação global (SHIVA, 2003).

De acordo com Marcatto (2002), os problemas ambientais se manifestam em nível local. Em muitos casos, os residentes de um determinado local são, ao mesmo tempo, causadores e vítimas de parte dos problemas ambientais. São também essas pessoas quem mais têm condições de diagnosticar a situação. Convivem diariamente com o problema e são, provavelmente, os maiores interessados em resolvê-los.



Contudo é preciso levar em consideração que o encontro entre o tradicional e o moderno gera resistência às mudanças, se apresentando de forma conflituosa. É fundamental uma discussão na busca por propostas adequadas para que sejam solucionados os problemas ambientais e levando em consideração a possibilidade do desenvolvimento ambientalmente e socialmente sustentável como forma de amenizar a degradação ambiental como afirma Januário (2006).

O uso contínuo do conceito de desenvolvimento sustentável alerta para a necessidade de se refletir sobre o desenvolvimento como um processo assegurador de sobrevivência em relativas condições, garantindo uma qualidade de vida no tempo e no espaço, o qual suporta a relação que deve existir entre o homem como membro de uma sociedade, seu desenvolvimento econômico e seu ambiente natural (GUARIM, 2000).

Com isso, no entendimento de Pereira e Guarim Neto (2009), o papel da Educação Ambiental deve ser, sobretudo, de orientação e alerta para a maneira como o ser humano abre seu caminho, e completam ainda, alertando que o conceito de Educação Ambiental está calcado na concepção totalizadora de uma Educação que vise preparar as pessoas para uma vida com qualidade, enquanto membro do planeta. É disponibilizar conhecimentos que favoreçam o gerenciamento das relações entre a sociedade humana e o ambiente de forma integrada e sustentável.

A Educação Ambiental, busca não só a conservação dos meios naturais, mas a valorização dos seres que neste meio vivem, desde valorizar sua importância social a respeitar sua cultura, porém muitas vezes a Educação Ambiental é trabalhada visando apenas à conservação dos recursos naturais, e é esquecida a interação ser humano, natureza e sociedade (MARQUES et al., 2010).

Caminhando nesse sentido é possível dizer que as trocas de conhecimento sobre o meio ambiente ocorrem em sua grande maioria, nos processos educativos em comunidades tradicionais, através da educação informal como afirmam Thiago e Januário (2011).

Por meio da Educação Ambiental, ações locais podem ser exercitadas, no âmbito da conectividade entre populações, ambiente e flora. É o conhecimento não-escolarizado propiciando a inserção nos espaços escolarizados (GUARIM NETO, 2006).



O presente trabalho teve como objetivo conhecer o saber local da Comunidade ribeirinha de Pai André, ressaltando a importância da manutenção dos valores da comunidade, para que possibilitem ações de Educação Ambiental.

METODOLOGIA

O estudo proposto está pautado em um compromisso ético perante a comunidade que se traduz no estabelecimento de limites e compromissos com valores, respeitando a liberdade de expressão dos sujeitos bem como o cuidado para a não intromissão no seu estilo de vida como afirma Martins (2004).

Cada povo cada grupo, cada comunidade tem o direito de se autoconduzir, de desenhar seu destino, de buscar seus valores e de viver conforme seus costumes. Ao abordar as comunidades, o pesquisador deve ter em mente a responsabilidade moral de respeitar os valores culturais, as crenças, os hábitos, as religiões etc. Nesse respeito está a questão fundamental dos direitos humanos na abordagem às comunidades (AZEVEDO,1999).

O presente trabalho foi realizado na comunidade de Pai André, município de Várzea Grande, Mato Grosso, que geograficamente está situada à 185 metros de altitude, cujas coordenadas geográficas estão compreendidas nos pontos 15°32'30" latitude sul e 56°17'18" longitude oeste. Pai André é pequeno povoado entre Praia Grande e Bonsucesso. Situa-se às margens do rio Cuiabá em frente ao Morro de Santo Antônio (FERREIRA, 1997). Possui aproximadamente 40 famílias distribuídas pelo vilarejo e nas imediações ainda dentro de seus limites é notada a presença de muitas chácaras que são utilizadas para descanso e lazer nos finais de semana.

Foram entrevistados 22 moradores e o método utilizado foi o qualitativo com a aplicação de perguntas semiestruturadas com a ajuda de formulário contendo perguntas abertas e fechadas. Segundo Ludke & André (1986), a pesquisa qualitativa se configura no



ambiente natural através do contato direto e prolongado do pesquisador no ambiente que será investigado e portanto necessitando de trabalho intensivo

Os mesmos autores afirmam ainda que “o registro do saber local por parte do pesquisador pretende ressaltar as riquezas e nuances dos ensinamentos passados de geração para geração permitindo entender melhor como é o funcionamento dessa dinâmica de interação com o meio ambiente e também para que sirva de subsídios na tentativa de preservação dos tratos socioambientais e culturais da comunidade. Independentemente das hipóteses, levantadas nessa pesquisa, serem confirmadas ou negadas o importante é que esse conhecimento não seja ignorado pois a partir do estudo tem-se uma ocasião privilegiada para a composição de soluções propostas aos seus problemas como afirmam”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O perfil dos informantes

Na pesquisa realizada com os 22 moradores observou-se que os entrevistados são pessoas de ambos os sexos com predominância de indivíduos do sexo masculino(55%), quanto o sexo feminino representa(45%) dos entrevistados.

A faixa de idade que mais se destacou foram os adultos entre 51 a 60 anos(32%).

Os moradores da “terra”, naturais de Mato Grosso, representam juntos (86,36%) dos entrevistados sendo que apenas 3 pessoas do total são de outros Estados distintos.

Os resultados apontam como destaque a faixa de tempo que vai de 31 a 40 anos de residência(22,72%), sendo seguida por moradores que estão a menos tempo na comunidade, faixa de 11 a 20 anos(18,18%).

Quanto ao grau de instrução as pessoas não escolarizadas representam (36 %) dos entrevistados e que cursaram o Ensino Fundamental até o 5º ano, somam (32 %).

Apesar dos homens entrevistados serem em maior quantidade (12 pessoas) a atividade profissional mais praticada é a de, dona de casa, com (36,36%) dos entrevistados seguidos dos aposentados (27,27%) e pescadores(18,18%).

A renda mensal dos 73% dos entrevistados é de 1 salário mínimo enquanto aqueles que recebem até dois salário mensais é de 27%.



A comunidade de Pai André

No passado essas terras foram habitadas por etnias silvícolas, com destaque para a grande Etnia Guanús, considerados silvícolas pacíficos e hospitaleiros (...) sendo os Guanús especialistas em navegação em pirogas no rio Cuiabá, onde foram canoeiros hábeis e laboriosos e ainda se destacando pela sabedoria com que fabricavam redes (TAVARES, 2011).

O pequeno povoado entre Praia Grande e Bonsucesso, Pai André, situa-se à margem do rio Cuiabá, em frente ao “Morrinho”, como é mais comumente chamado o morro de Santo Antônio e seu surgimento se deve ao fato de, no município de Santo Antônio do Leverger, margem esquerda do rio, o povoado do “Morrinho” não ter progredido porque sua área junto à margem era baixa, alagadiça e insalubre. Restava então a margem direita, em Várzea Grande, com a barranqueira mais elevada, motivo por que a gente de “Morrinho” foi se transferindo para o lugar que tomou o nome de Pai André (...) que presume-se, recebeu o nome de Pai André porque ali vivera, antes, um velho negro conhecido por esse apelido (MONTEIRO, 1987).

As famílias que se instalaram na localidade eram conduzidas pelos mais experientes, pais e avós de forma ordeira, unida e cheias de esperança, pois para a retirada do sustento era necessário um trabalho árduo e para isso atravessavam o rio Cuiabá na margem esquerda onde ao todo, haviam 7 engenhos para a produção de rapadura e uma grande área ao longo da margem para o cultivo de vegetais.

Os meios de transporte eram rústico, portanto os percursos eram realizados a pé, de carroça, montado à cavalo, e de canoa até a chegada dos primeiros automóveis:

“...cada família tinha o engenho e a plantação...tirava a produção de canoa...travessava pra cá e aí ia levava pra Cuiabá de carro de boi...charrete, carro só apareceu depois...o pessoal que não tinha levava de canoa... eu mesmo cheguei de ir com um primo meu duas vezes... subimos de canoa com as coisa que produzia.... nós saia daqui umas meia noite e ia amanhecer lá as cinco da manhã.....vendia tudo, fazia umas comprinha e saia de lá uma base de sete hora quando era onze tava aqui em casa....”

(Homem, 60 anos)



*“A canoa subia com quiabo, couve e carregada de rapadura e descia com mercadoria .
Passavam no salgadeiro pra comprar carne, bucho e outros alimentos pra trazer”*

(Mulher, 81 anos)

O povoado tinha muitos moradores. Isso ocorreu na época das usinas açucareiras e do tráfego das lanchas e das pequenas embarcações, impulsionadas por uma vara comprida, eram conhecidas como barcos a zinga (varejão), quando ali floresceram os canaviais, cujo produto era vendido aos usineiros. Pai André, naquele tempo, teve melhores possibilidades, graças ao intenso movimento em toda a sua faixa ribeirinha (MONTEIRO, 1987). O autor ainda relata que fora mantida na localidade, por muitos anos, a fabricação da aguardente conhecida como “Nobre”:

“ naquela época aqui era só lanchaeu viajei muito por esses caminhos fazendo a rota de Cuiabá para Corumbá, Porto Esperança, Porto Murtinho, Cáceres.... só que ai foi diminuindo a água ...diminuindo a água.... ai só pelo seco... então foi quando fiquei mais na plantação... aqui essa paisagem era bananal pra chegar no rio...canavial... ”.

(Homem, 87 anos , Marítimo)

“ aqui tinha usina de álcool, nas terras do Julbo Muller, tinham duas naquela região, uma acima na Cachoeira do Pau no “ Morrinho”, e a outra mais abaixo da vila de Pai André.... hoje acabou tudo só ficou uma bica de petróleo, de cobre o “alambique”.....fica na beira do rio... rio abaixo ”.

(Homem, 60 anos)

É importante registrar que as usinas de açúcar eram estrategicamente instaladas às margens do rio Cuiabá, então muito utilizada para a navegação o que facilitava o transporte do açúcar e eventualmente aguardente (SILVA e SILVA, 1995).

As moradias antigas eram confeccionadas e conhecidas por pau a pique, barreado (barrote), adobe com fundo de palha, de forma bastante artesanal más sofreram grandes



mudanças na sua arquitetura original onde alguns telhados e paredes antigas dividem espaço em meio as estruturas que hoje na sua grande maioria são feitas de alvenaria.

Segundo Ferreira e Silva (2012) p. 202, a casa de barrote representa um aporte de conhecimento. Nela está um conjunto de componentes da biodiversidade que o ribeirinho incorporou no processo de construção do saber. Um saber que faz sentido no lugar de viver do ribeirinho. Em outra condição de vida urbana este saber não tem significado, porque na cidade não são encontrados os componentes necessários para a construção da casa. E o saber do construir a casa não representa condição do ter a casa:

“As casas eram de pau a pique...era bem baixinha.....”

(Mulher, 69 anos)

“As casas eram de pau a pique barreado com barro...”

(Mulher, 81 anos)

No passado a localidade possuía um prédio onde funcionava a escola pública estadual e o mesmo ruiu completamente, por falta de manutenção. Antes que uma nova escola fosse construída as aulas continuaram a acontecer em casa particular com cerca de 30 crianças (MONTEIRO, 1987). Atualmente Pai André possui a Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) “Vereador Zeno de Oliveira”, que atende a educação infantil de 1º ao 5º ano e também o Ensino Fundamental Matutino e Vespertino.

O transporte de moradores ocorre através de linhas de ônibus bem como linha específica para transporte escolar. A vila de Pai André, como é conhecida pelos moradores, é representada por uma rua principal e que segundo Monteiro(1987) é, como Bonsucesso, povoado de uma só rua, ao longo das barrancas do rio Cuiabá.

A comunidade recebe uma vez por mês a visita de um médico e a enfermeira chefe do Programa de Saúde da Família (PSF) que vão até a comunidade para medir pressão e marcar consultas. O abastecimento municipal de água na localidade ocorre de forma irregular chegando a ficar longos períodos sem a oferta desse recurso essencial:



“... aqui a água não chega, já fazem dois anos ... deve esta entupido ...”

(Homem, 60 anos)

Dessa forma os moradores recorrem ao rio como a principal forma de disponibilidade do recurso e se remontam as praticas do passado pois, era do rio que os grupos familiares instalados em Pai André à margem direita do “Cuiabá”, retiravam a água que seria utilizada para o atendimento das suas necessidades básicas como beber, fazer comida, tomar banho, lavar roupa e louça:

“ ... nossa água era bem limpa ... nós fazia tudo as coisas com a água do rio ...tomava banho, lavava roupa... ”

(Mulher, 69 anos)

Na atualidade essa prática é um motivo de preocupação para os ribeirinhos devido a grande poluição que vem atingindo o “Cuiabá” que por sua vez é bombeado para dentro das casas da comunidade:

“ ...o rio foi bom pra nós.... agora nos bebe água comprada... puxo água do rio com a minha bomba, encho a caixa pra lavar roupa , banheiro...”

(Homem, 87 anos)

“ quando vai chover tem que puxar cedo a água ...”

“... tem que pingar cloro para fazer comida...”

(Mulher,69 anos)

“ ... nós trata.... nós compramo um produto e põe e assenta tudinho aí agente ocupa...”

(Homem, 60 anos)

Contudo, a população tradicional ribeirinha tem uma vida diferenciada, vivem em sintonia com a natureza, com a vida e o tempo às margens do rio. Povo simples paciente



que sabem que a natureza quando não agredida, é gratuita e generosa e dela tiram a sobrevivência de suas famílias (FAUSTINO E CAMPOS, 2010).

A permanência sustentável das comunidades ribeirinhas somente é possível com a conservação do rio Cuiabá e dos ecossistemas a ele associados, e os ecossistemas e a sua biodiversidade somente serão conservados pela valoração dos conhecimentos tradicionais das comunidades ribeirinhas (FERREIRA, 2010, p.121)

Seja no passado ou no presente o fascínio que o “Cuiabá” causou e ainda causa, vem acompanhado do orgulho de saber o seu significado para manutenção do equilíbrio ambiental a sua volta, pois para o ribeirinho a sua história se confunde com a própria história do rio, dos tempos idos, tempos de fartura e de poesia mas que ainda hoje pulsa no coração dos homens e mulheres simples que flutuam sobre suas águas:

“ Daí é a riqueza nossa.....”

(Homem, 60 anos)

“ O rio significa vida, se ele acaba acabou a comunidade”

(Homem, 50 anos)

“ A sobrevivência do povo é o rio....”

(Mulher, 81 anos)

“ A minha história tudo passa pela água....”

(Homem, 58 anos)

Uma das características marcantes da comunidade de Pai André é a simpatia com que cativam os visitantes e a amizade que nutrem uns pelos outros fazendo da vizinhança a extensão da sua própria família, uma demonstração de cumplicidade e respeito por tudo que representa o passado que construíram juntos:

“Aqui descia até de paraquedas ai na praia... fazia o festival de praia, festival do peixe ai vinha muita gente.... a praia era muito bonita...”

“Aqui fazia festival do peixe grande entre os pescadores.....nós chegava a assar aqui 5 mil peixe..... vinha a banda do 16 tocar...ninguém pescava peixe....os pescadô daqui que ia em 6 canoa, três pra baixo e três pra cima... 3 horas eles iam quando era 16 horas tava aquele



monte dessa altura...só peixe grande, todo mundo limpava e colocava pra assar....todo mundo comia e bebia não tinha briga não tinha nada..... pro cê vê como era bom esse rio.....”

“...em maio era a lufada.....até zoava de lambari....o óleo que nos fazia ficava bem verdinho....”

“ nós fazia tudo as coisa com a água do rio....toma banho.... era uma prata de limpo....”

(Mulher, 69 anos)

Saber local da comunidade de Pai andré

Os recursos vegetais possuem importância fundamental para as populações humanas, seja como alimento, matéria-prima, ou ainda como significado cultural (GUARIM NETO e MACIEL, 2008).

“ O tarumeiro está começando a florir ... fica tudo roxinha... teve até uma dona que parou e deitou naquele tapete de flor que forma muito bonito...”

(Mulher, 69 anos)

Os diálogos revelaram o enorme manancial do saber local sobre os recursos vegetais presentes na mata ciliar, cerrado, quintais, varandas e na memória afetiva dos entrevistados, tendo como resultado a relação de plantas que foram sistematizadas de acordo com o nome popular, família botânica e respectivas categorias de uso (etnocategorias). Foram são computadas 186 espécies pertencentes à 75 famílias botânicas. As famílias botânicas que tiveram maior destaque foram: Asteraceae com 6,98 % das espécies, Lamiaceae com 6,45 % das espécies, Solanaceae com 5,37 % das espécies e Fabaceae Caesalpinioideae com 4,83 % das espécies.

Estudos sobre plantas medicinais, finalidades e forma de utilização tem revelado a riqueza e o potencial da flora de Mato Grosso bem como alertado sobre a necessidade de conservação desse recurso como podemos evidenciar nos trabalhos de Guarim Neto (1996), Jorge (2001), Amorozo (2002), Pasa e Guarim Neto (2005), Borba e Macedo (2006) e Guarim Neto (2006).

Nas exuberantes áreas verdes que seguem às margens direita e esquerda do formoso rio Cuiabá, especialmente na altura da vila de Pai André, a mata, em alguns pontos



ainda densa, abriga uma vasta quantidade de espécies da fauna local que se comunicam entre as paisagens de cerrado remanescente e o cinturão verde, promovendo uma grande celebração de harmonia que enche os olhos dos ribeirinhos que vivem mergulhados dentro desse recanto de paz e tranquilidade.

A fauna, nativa ou doméstica que é percebida ou que participa do mesmo espaço de vivência diária do ribeirinho e foi indicada pelos entrevistados aparecem os mamíferos, as aves, os répteis e animais domésticos:

“ ... sicuri tava matando as galinhas... onça não tem, mas jaguatirica tem... até hoje tem nesse baixadão... a capivara anda até aqui no porto, sempre a gente matava, mas era pra fazer gordura pra remédio, pra bronquite... agente comia também mas é mais pra gordura... bronquite e catarro no peito..despectora....

... agora, ariranha tem bastante, tuiniú, garça, biuá...tudo tem... cabeça-seca ... bom... de bicho o que não tem é a onça jacaré tem pouco.... mas o que ficou tempo sem tê foi o veado... ele vinha de lá pra cá por causa das plantações ai acabou ...ele sumiu ...tá muito difícil de ver um ... o pessoal andaram matando ...acabou a plantação pele comê... agora esses outros bichos cê vê direto ... todo bicho atravessa ... o bugio as vezes quando quer mudar de setor eles atravessa....”

(Homem, 60 anos)

O espaço ao redor das residências recebe a denominação de quintal por inúmeros grupos humanos. Embora com extensão territorial reduzida, reúne um acervo vegetal com intrincadas manifestações culturais, envolvendo a origem, manejo e utilização. Para vários pesquisadores o quintal é um local propício para a conservação da diversidade vegetal, dentre outros aspectos destacam: a alta diversidade e baixa densidade de espécies cultivadas. Isto tem contribuído para a conservação do patrimônio genético e cultural das populações associadas a este (CARNIELLO e PEDROGA, 2008 pag. 45).

A organização do espaço da roça é expressa pelos conhecimentos, habilidades e estratégias vinculadas à cultura e o saber ambiental que a população expressa através de sua história e de suas atividades cotidianas ao longo desses anos de convivência com a natureza(PASA, 2007 p. 51).



Os quintais representam uma extensão da casa e um dos locais onde os moradores passam a maior parte do tempo realizando afazeres domésticos e cuidando de outras atividades que são desenvolvidas nesse espaço de manifestação da cultura, como podemos citar a criação de animais para o abate, como porcos e galinhas para a própria subsistência e para a venda em pequena escala, plantações de árvores frutíferas, plantas ornamentais e com significado místico, pequenas hortas e local ainda para a produção de tanques utilizados no cultivo de peixes o que é favorecida pela grande extensão dos terrenos que variam de um para o outro e que em média possuem as dimensões de 20x40 metros.

Devemos considerar ainda que é local para o desenvolvimento de atividades culturais como a prática do siriri e cururu e dança de São Gonçalo representações tipicamente regionais. Como podemos evidenciar o quintal é espaço que representa muito para as famílias ali instaladas fazendo parte das suas representações mais íntimas e particulares necessitando que seja estabelecido um trato de confiança entre o pesquisador e o entrevistado para que se possa adentrar em um espaço “sagrado” do morador que nesse caso permitiu com muita dedicação e desprendimento fosse revelada parte de sua história.

Olhares múltiplos devem ser direcionados para os saberes de comunidades humanas, instaladas em diferentes ambientes, ribeirinhos ou não, e cujas manifestações são percebidas após um contato mais próximo com seus moradores e estabelecimento de uma confiança mútua (SOUZA e GUARIM NETO, 2010):

“ O cheiro verde vende bastante quando tem o peixe...”

“ Aqui tem um povinho humilde..... um povo bom...”

(Homem, 75 anos)

A comunidade de Pai André tem na pesca a sua principal atividade tradicional que atravessou gerações e ainda insiste na perseverança dos pescadores que encontram todos os dias quando estão na canoa em meio ao rio, seus antepassados suas histórias e sua infância. A manutenção desse saber instalado passa pela transmissão das técnicas que envolvem a atividade pesqueira bem como a preparação dos apetrechos, e confecção de canoa que antes era feita de um “pau só”, diretamente no tronco da árvore como é o caso da piúva), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. Es DC.) Mattos hoje é feita de 4 “paus” como se diz entre os pescadores. Contudo os pescadores se organizam através da colônia Z-14



Beira Rio onde são representados e onde recebem orientações e atualizações sobre a legislação vigente que regem a atividade pesqueira no Brasil, no Estado de Mato Grosso e no Município de Várzea Grande.

Como a atividade de pesca faz parte da história da comunidade, se configurando uma prática tradicional dos ribeirinhos, é recorrente na fala dos entrevistados os relatos sobre a diversidade de peixes no rio Cuiabá que por sua vez acaba por minimizar os pontos negativos e que indicam um sinal de alerta para o caminho da conservação:

“ a água era limpa....era uma beleza....o pessoal aqui mexia só com água do rio agora não pode mexer, agora é só porcaria de esgoto que jogavam nelejogam tudo..... agora o peixe acho que é difícil ta contaminado, agora o peixe não come essas trenzada”

(Homem, 62 anos)

Com o passar dos anos e o aumento das pressões antrópicas sobre o rio Cuiabá os efeitos negativos são sentidos pelos ribeirinhos com a diminuição do pescado, mas em sua memória o pescador guarda a lembrança dos tempos de fartura :

“ ...dourado não tem mais, peraputanga tá sumindo ...”

“ antigamente era com rede de arrastão, rede de mais de 100 metros...atravessava o rio...ia lá laciava assim e puxava dos dois lados de canoa e vinha puxando...nessa época tirava quatro mil, cinco mil pacu...”

(Homem, 60 anos)

A comunidade construiu com o tempo um sentimento de amizade e de fraternidade fruto dos relacionamentos que ali acontecem e que são estimulados pela fé estabelecida no contato com a Divindade e materializado pelo sincretismo religioso que por sua vez está presente através das Igrejas Protestante e Católica.

No passado a atividade cultural era representada com bastante intensidade através das Danças de São Gonçalo, e o siriri e cururu que acontecem com menos regularidade mas ainda servem ao seu objetivo de integração dos moradores em torno da arte regional e também em forma de reviver emoções que ficaram registradas na memória das famílias e sua origem.



Os artesãos também tiveram sua representação quando da fabricação das canoas e da famosa viola de cocho.

A composição étnica mato-grossense, tornou-se visível. A mistura das culturas e costumes hispânicos-europeias, africanas e indígena que formam os mato-grossenses o embrião de uma miscigenação tipicamente nacional. A mistura é visível tanto no religioso quanto na gastronomia (culinária). A culinária várzea-grandense com seus traços herdados dos nossos ancestrais que utilizam ingredientes típicos da região como: o peixe, a banana, o milho, a carne seca (carne de sol), polvilho de araruta (feito pelos ribeirinhos) (FAUSTINO e CAMPOS, 2010 p.74):

“...peixe assado, cozido, fermentado, batata frita.....e mandioca...”

“...carne com mandioca..... arroz.....”

“...fazia pirão....cozinhava o peixe.....”

.... a banana que ocê fritava com o óleo de lambari ficava bem frito.... ficava amarelo....torradinho.....”

(Mulher, 69 anos)

Quando se trata das histórias e evocações místicas por parte principalmente dos pescadores podemos dizer que as lendas completam o manancial tradicional dessa comunidade que tem sua história confundida com a do rio:

“ ... eu tava pescando quando de repente veio aquele canoão grande rodando e meio que encumpridou.....eu já ia levar a mão nela quando lembrei que meu pai falava que não era pra eu mexer com nada que agente não conhece e então foi que vi certinbo um mussumcertinbo o couro dele...igualzinbo um mussunzinbo....era o minhocãoai veio aquela onda e bati remo no barcoquase que não consegui chegar...”

(Homem, 67 anos)

As águas do rio Cuiabá também são cercadas de perigos por sua profundidade e correntezas fortes, por animais tidos como perigosos, como jacarés, piranhas e arraias, e de encantamentos que permeiam o imaginário desses pantaneiros e perigos esses que são contados aos mais jovens para que respeitem o ambiente do rio Cuiabá funcionando como reguladores na conservação e uso da biodiversidade (VIANA *et al.*, 2012).



O conjunto dos símbolos presentes nas variadas atividades realizadas pelos ribeirinhos nos relacionamentos, práticas profissionais e sociais o contato com a natureza na figura dos animais da região principalmente o peixe, seu ganha-pão, a mata ciliar que regula o clima local, mantém o rio e serve como uma farmácia, permitindo a apreensão dos valores que possuem para a manutenção da vida na comunidade e da mesma forma que são capazes de identificar os pontos que põem em prejuízo ambiental todo esse manancial.

Identificam o desmatamento da barranca do rio, o controle do fluxo de água que a Usina de Manso realiza, pesca predatória, o esgoto urbano que é lançado rio acima, o lixo jogado nas barrancas e no próprio rio, atividade de dragagem que além de causar prejuízos a calha do rio ainda solta óleo no rio como os principais impactos ambientais negativos encontrados na região:

“ tem reclamação por toda a parte... a água era limpa... fazia tudo com elaaté bebia....”

(Mulher, 69 anos)

Conexões com a Educação Ambiental

O combate a muitas dessas situações instaladas na região pode ser amenizada utilizando-se dos esforços coletivos para o desenvolvimento de ações poderiam movimentar a engrenagem da conservação local e de consequências globais, terreno fértil para a prática da Educação Ambiental.

A maneira como se relacionam entre si, o contato com os fatos históricos, as decodificações dos sistemas naturais, a força da religiosidade, a alegria em conviver, o conhecimento adquirido na infância e usado até hoje, a confiança que é capaz de mudar muitos panoramas de alteração ambiental, fornece subsídios que permite propor alternativas viáveis para que cada vez mais possam ser desenvolvidas ações de educação ambiental que estimulem a prevenção e o combate à degradação ao meio em que vivemos.

Com o intuito de propor uma alternativa viável de sensibilização ambiental foram realizadas duas vivências com a comunidade onde as atividades aconteceram primeiramente com um grupo de crianças de 4 a 6 anos do ciclo fundamental do ensino da Escola Municipal Zeno de Oliveira(Grupo 1) e posteriormente um segundo grupo formado por entrevistados da pesquisa e também aberto para comunidade(Grupo 2).



Inicialmente o grupo das crianças(Grupo 1) escutaram uma história da “ Árvore que não conseguia respirar ” abordando o tema poluição com o objetivo de chamar a atenção para a proteção da natureza.

Logo em seguida aconteceram dinâmicas em que eles mesmos produziram pinturas e confeccionaram maquetes com o objetivo de conhecer a percepção dos mesmos sobre o meio ambiente em que vivem através dos temas “Natureza Viva de Pai André” e “ Como eu vejo Pai André”.

Em resposta a atividade destacaram a importância do sol, da água e que devemos cuidar da natureza, criando e recriando paisagens do ambiente natural em que vivem através de símbolos materiais representados por componentes como terra(marrom), verde(plantas), azul (água e céu) que se relacionam com a presença do homem em um ambiente.

Assim os exercícios deixaram uma mensagem para as crianças que elas fazem parte de um todo e que cada qual tem o seu papel e função bem definidos e mais ainda reforçando todos os conceitos possíveis para aquela comunidade que o ambiente necessita ser saudável e vivendo todos em harmonia. Foram contextualizadas de forma lúdica situações reais como o tema do desmatamento, poluição urbana e crimes ambientais.

Na abordagem trabalhada com o Grupo 2 (adultos) foi apresentado uma sequência de imagens de natureza contemplativa registradas durante a pesquisa com o intuito de mostrar apresentar Pai André sobre o olhar de alguém de fora da comunidade reforçando as belezas naturais e generosidade das pessoas através da acolhida do pesquisador.

Assim foi realizada a discussão do tema proposto que se passava pela necessidade de estreitar os laços entre as gerações mais antigas e as mais novas que são a chave do futuro, viram também que é muito mais fácil trabalhar com atitudes de prevenção do que esperar o prejuízo ambiental acontecer, e que tal qual a lição aprendida com as crianças é necessário sejamos ativos e unidos na causa ambiental que atinge a todos indistintamente.

Logo em seguida foi realizado o exercício de visualização onde era mostrado um personagem da natureza e todos poderiam dar a sua opinião. Os diálogos foram bastante produtivos e revisar conceitos ambientais trouxe a tona um turbilhão de ideias que podemos utilizar primeiramente para fazermos a nossa parte e depois mobilizarmos aqueles que estão ao nosso redor.



A atividade foi seguida de um plantio simbólico de 20 espécies nativas da mata ciliar. O poder transformador caminha lado a lado com o bom senso e a perseverança para descobrirmos qual a melhor forma de contribuir.

Essa modalidade de estudo, pesquisa-ação tem o propósito de compartilhar saberes produzidos pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo de educação e pesquisa onde aqui os participantes deixam de ser os “objetos” de estudo para serem pesquisadores, produtores de conhecimentos sobre a sua própria realidade. Os temas de pesquisa têm um importante papel nesta metodologia ao invés de serem tratados com objetivos em si mesmos, transformam-se em temas geradores de conhecimentos sobre a realidade em estudo, construídos participativamente (REIS, 2005).

Segundo Ferreira (2010.p.29), a intenção maior da oficina temática é utilizar o contexto local como ferramenta de motivação, de mobilização e democratização dos serviços do ecossistema, em especial aqueles relacionados com o rio e a terra nas comunidades ribeirinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa foi possível evidenciar que a comunidade de Pai André ainda mantém os seus laços com o passado, mantendo firme o ideal de vida que emerge todos os dias na relação que mantém com a flora e fauna local, espaços de convívio, representações da cultura, práticas de subsistência, denotando a transmissão do conhecimento tradicional passado de geração para geração, a relação de respeito com a natureza que serve de berço e de repouso dos grupos familiares e principalmente demonstra grande relação de interdependência com o formoso rio Cuiabá.

Os subsídios gerados na investigação da história da comunidade de Pai André revelam a necessidade da manutenção dos valores tradicionais que poderão se perder deixando uma lacuna no seio da comunidade, pondo em risco a integridade socioambiental do vilarejo e que a Educação Ambiental pode prestar um serviço muito importante a todos que ali residem pois conduz ao repensar atitudes, rever ações e tomar decisões acertadas para que haja tempo de resgatar o que a comunidade possui de mais verdadeiro que é a sua identidade tradicional.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta bot. bras.** 16(2): 189-203, 2002.
- AZEVEDO, E.S. Aspectos éticos específicos na pesquisa com seres humanos: da apropriação do conhecimento à invasão da privacidade. In: **Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia**, 22 a 24 de setembro de 1999/Organização: Eraldo Medeiros Costa Neto, Francisco José Bezerra Souto. Feira de Santana UEFS, 2001. 190 p.
- BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta bot. bras.**, São Paulo, v.20, n.4, p.771-782, 2006.
- CARNIELLO, M.A; PEDROGA, J.A. Quintais na fronteira Brasil-Bolívia, comunidade de Clarinópolis .In: GUARIM NETO, G. ; CARNIELLO, M. A. (Org.) **Quintais matogrossenses: espaços de consevação e reprodução de saberes**. 1. ed. Cáceres: EdUNEMAT, 2008. v. 1. 203p .
- CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populaces tradicionais . In: DIEGUES, A. C.(Org). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. Sao Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec, 2000.
- DIEGUES, A.C.Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C.(Org). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. Sao Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec, 2000.
- FAUSTINO, E.M; CAMPOS,M.C.C. **Tradição, Cultura e Fé guiado por uma Estrela**.Várzea Grande: Editora Lenice,2010.
- FERREIRA,M.S.F.D. **Lugar, recurso e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR, São Paulo- SP. 178 p. 2010.
- FERREIRA , M.S.F.D; SILVA, C.J da . Baía Chocororé- lugar para a educação ambiental. In: SILVA, C.J. da; SIMONI, J. **Água, biodiversidade e cultura do Pantanal** (Orgs). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2012.
- FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.
- GUARIM NETO, G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.17, julho a dezembro de 2006.
- GUARIM NETO, G. ; GUARIM, V. L. M. S. ; MACEDO, M. ; NASCIMENTO, N. P. O. . Flora, vegetação e etnobotânica: conservação de recursos vegetais no pantanal. **Gaia Scientia**, v. 2, p. 41-46, 2008.



GUARIM NETO, G. ; MACIEL, M. R. A. **O saber local e os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT: Entrelinhas, 2008.

GUARIM NETO, G. . **Plantas medicinais do estado de Mato Grosso**. 1a.. ed. Brasília: ABEAS,UFMT, 1996. v. 1. 72p .

GUARIM, V.L.M.S. Sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais. In: III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal. 2000, Corumbá. **Anais eletrônicos ...** Corumbá : EMBRAPA Pantanal , 2000. Disponível em, [ttp://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/ Socio/GUARIM-072.pdf](http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Socio/GUARIM-072.pdf)> Acesso em: 20 de ago.2011

GUARIM, V. L. M. S. A educação e a sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas de Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, sér. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1, p. 7-44, jan-abr. 2005.

JANUÁRIO, E.R. da . **As vidas do ribeirinho**: história, meio ambiente e cotidiano da comunidade ribeirinha de São Gonçalo, Cuiabá, Mato Grosso. Cáceres: Editora UNEMAT, 2006.

JORGE, S. S. A. 2001. **O saber medicinal ribeirinho**:comunidades de Poço e Praia do Poço, SantoAntônio de Leverger - Mato Grosso. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**:abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MARCATTO, C. **Educação ambiental**: conceitos e princípios . Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MARQUES,L.M ; CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. A percepção ambiental como papel fundamental na realização de pesquisa em Educação Ambiental.**Travessias**, v.4 ,p.337-349 ,2010.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 30, n. 2, ago. 2004.

MONTEIRO, Ubaldo. **Várzea Grande- presente e passado - confrontos - 1867-1987**. Cuiabá, 1987. 229 p.

PASA, M.C. E GUARIM NETO, G. **Plantas medicinais no Vale do Aricá, município de Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil**. *Biodiversidade*, v. 1, p. 10-27, 2005.

PASA, Maria Corette. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá: Cuiabá - Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT: Entrelinhas, 2007. 143 p



PEREIRA, I. C. ; GUARIM NETO, G. **Educação ambiental no parque florestal de Sinop/ Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

PRIMACK, R.B; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues,2001.

REIS, M.F.C.T. Pesquisa-ação: compartilhando saberes; pesquisa e ação educativa ambiental. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília : MMA, 358 p.2005.

ROUÉ, Marie. Novas perspectivas em etnoecologia : “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: CASTRO, Edna e PITON, Florence (Orgs.). **Faces do Tropicó Úmido. Conceitos e Questões Sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Belém (PA): Editora Cejup.1997.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Carolina Joana da; SILVA, Joana A. Fernandes. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo/ Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, L.F.; GUARIM NETO, G. Plantas Ornamentais e Místicas I- um estudo etnobotânico em comunidades ribeirinhas, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica**. Cuiabá: EdUFMT,2010.

TAVARES, J.W. **Várzea Grande: história e tradição**. Cuiabá: KCM Editora, 2011. 158p.

THIAGO, F.; JANUÁRIO, E. **A Comunidade Quilombola do Cedro**: etnobotânica e educação ambiental.Cáceres: Editora UNEMAT, 2011.

VIANA,I; GALDINO, Y.;MORAIS, R.; DA SILVA, C.J. Uma abordagem etnobiológica da comunidade Cuiabá Mirim, entorno do Sistema de Baías Chacororé- Sinhá Mariana. In: SILVA, C.J. da; SIMONI, J. **Água, biodiversidade e cultura do Pantanal** (Orgs). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2012.